

RESULTADOS DE UMA PESQUISA DE MESTRADO MOSTRANDO UM POUCO DA CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA NO COTIDIANO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Michele Padilla Pedroso Vígari¹
Vilma Lení Nista-Piccolo²

Results of a master research showing a little of the construction of autonomy in the daily life of early childhood education

Resumo:

Neste artigo, apresentamos um recorte de uma dissertação de mestrado mostrando os resultados da pesquisa originados, no qual foi estudado a influência das práticas ocorridas no cotidiano escolar, na aquisição da autonomia das crianças de 2 a 4 anos. Participaram da pesquisa professores de uma escola de Educação Infantil. Respeitando o critério de saturação, este trabalho se pautou numa abordagem qualitativa, do tipo descritivo, interpretando os fenômenos ocorridos, registrados em anotações feitas diretamente pelo pesquisador, e as respostas dadas às perguntas realizadas nas entrevistas semiestruturadas. A interpretação dos dados fundamentou-se na Análise de Conteúdo, baseando-se na descrição das informações, na redução em Unidades de Registros agrupadas em Unidades de Contexto e transformadas em categorias de análise. Os resultados apontaram diversas situações que pouco colaboram com a construção da autonomia, por diversos movimentos que não estão ao comando do professor.

Palavras-chave: Autonomia. Educação Infantil. Prática Docente.

Abstract:

In this article, we present an excerpt from a master's thesis showing the results of the research, in which the influence of practices that occur in daily school life, in the acquisition of autonomy of children aged 2 to 4 years, was studied. Teachers from a kindergarten school participated in the research. Respecting the saturation criterion, this work was based on a qualitative, descriptive approach, interpreting the phenomena that occurred, recorded in notes taken directly by the researcher, and the answers given to the questions asked in the semi-structured interviews. Data interpretation was based on Content Analysis, based on information description, reduction in Record Units grouped into Context Units and transformed into analysis categories. The results pointed to several situations that do little to contribute to the construction of autonomy, due to several movements that are not under the command of the teacher.

Keywords: *Autonomy. Early Childhood Education. Teaching Practice.*

1. Doutoranda em Educação pelo Programa de Educação da Universidade de Sorocaba (UNISO). Professora de Educação Infantil – Creche.

2. Doutora em Psicologia Educacional pela Universidade Estadual de Campinas e professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba.

1. INTRODUÇÃO

Após alguns anos trabalhando na Educação Infantil, com crianças de 2 a 4 anos de idade, percebemos a importância da construção da autonomia em seus comportamentos. Observamos que algumas práticas docentes ocorridas no cotidiano escolar em creches, com essa faixa etária, podem, ou não, influenciar no processo de desenvolvimento da autonomia dessas crianças.

De acordo com Freire (2011, p.105), "Ninguém é autônomo primeiro para depois decidir. A autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões que vão sendo tomadas".

Os referenciais de Educação Infantil (BRASIL, 1998) dizem que a autonomia está ligada à independência da criança, enfatizando que é, a partir do exercício da cidadania, que ela conquista desde cedo possibilidades de opções para fazer escolhas, e ainda para adquirir um autogoverno em suas atividades. Segundo o documento, o desenvolvimento da autonomia se dá por meio de suas interações, das práticas pedagógicas que lhe são oferecidas pelo educador no ambiente escolar, propiciando-lhe condições para tomar decisões.

Toda a estrutura da escola, como as salas de aula, o pátio, o parque, o banheiro e o refeitório, são espaços onde acontece a interação das crianças. É ali que as propostas podem promover, ou não, a independência delas nas possibilidades do "fazer sozinho" (BRASIL, 1998, p.39). São as atitudes dos docentes que podem estimular o processo das crianças conquistarem sua autonomia, por exemplo, em ações como trocar de roupas, dobrá-las e guardá-las; pegar suas coisas em suas mochilas; atuar nas atividades de comer e brincar com o outro. Essas são possibilidades, mas "para favorecer o desenvolvimento da autonomia é necessário que o professor compreenda os modos próprios de as crianças se relacionarem, agirem, sentirem, pensarem e construírem conhecimentos" (BRASIL, 1998, p.40).

A Educação Infantil, de acordo com as diretrizes nacionais, corresponde à fase das crianças de 0 a 5 anos, contemplando creche e pré-escola. Esse ambiente requer reflexão sobre seu significado para o desenvolvimento integral delas, porque é ali que elas passam a maior parte do tempo do seu dia, convivendo com regras, horários e atividades planejadas.

Por diferentes razões, elas são obrigadas a ficar longe de suas figuras parentais, o que pode gerar uma dependência emocional dos profissionais da Educação que as acompanham e influenciam a aquisição de sua

autonomia.

A criança começa a desenvolver suas habilidades desde o seu nascimento, e a autonomia pode ser explorada, de acordo com Vercelli (2013), desde os primeiros meses de vida. Para o desenvolvimento emocional dos bebês, a presença da mãe é fundamental, pois o aconchego físico promove aprendizagem, entretanto, quando eles chegam na creche, devem aprender a dividir o colo dos profissionais com as outras crianças. O aprender a repartir o colo acontece desde os quatro meses de vida.

Portanto, o ambiente escolar é um espaço que desempenha uma real importância no cotidiano da criança, pois, extrapolando o limite dos seus muros, ele deve ser uma extensão da vida familiar para que a criança se sinta segura e protegida.

Dentro da escola, o professor proporciona ao educando a passagem da "curiosidade espontânea" para a "curiosidade epistemológica" (FREIRE, 2011), aguçando-a ainda mais, pois "é só ela que me faz perguntar, conhecer, atuar mais, perguntar, re-conhecer" (FREIRE, 2011, p. 84).

Para compreendermos se as práticas docentes podem direta ou indiretamente alterar a conquista da autonomia da criança, é preciso pontuar aspectos relevantes que se dão no cotidiano escolar. Alves (2003) analisa o significado dessa temática, quando afirma que é "o conhecimento tecido em cada ação cotidiana de docentes nas suas relações com alunos, alunas e todos e todas com que lidam cada dia" (ALVES, 2003, p. 82) que determina até que ponto a criança conseguirá conquistar sua independência.

O cotidiano escolar representa mais do que uma estrutura de muros fechados: é um lugar onde, por meio das relações interpessoais, professores e alunos interagem para descobrir o conhecimento. Alves (2003) e Gonçalves (2014) dizem que a realidade, no cotidiano escolar, não é fixa ou estática, mas está em constante movimento, pois os sujeitos que dele fazem parte estão sempre em desenvolvimento.

Gallo (2007) afirma que o cotidiano escolar se caracteriza por todos os acontecimentos rotineiros que ocorrem não só em sala de aula, mas na escola como um todo. Tais acontecimentos englobam tudo o que norteia o dia a dia da criança na escola com seus respectivos atores, como professores, gestores, funcionários, pais e comunidade. Freire (2011) relata que o ato de educar vai além de estar em uma sala de aula, pois o mais importante é dialogar com os pares e com a comunidade.

A partir da vivência como docente na Educação Infantil,

surgiu-me o interesse de compreender como se dá o processo de desenvolvimento da autonomia da criança, analisando aspectos do cotidiano escolar nessa faixa etária. Para isso, desenvolvemos uma pesquisa com o objetivo de compreender as atitudes docentes em diferentes situações ocorridas em aulas num determinado "Centro de Educação Infantil". Foram analisadas as práticas pedagógicas proporcionadas no ambiente de uma creche, visando interpretar como elas poderiam ser estimuladoras em todo o processo de desenvolvimento da autonomia.

O objetivo desta pesquisa foi compreender até que ponto as ações promovidas pelos professores na creche em seu cotidiano escolar mostram-se favoráveis, ou não, à conquista da autonomia com crianças que ali frequentam (com ênfase nas idades de 2 a 4 anos).

As bases teóricas que sustentaram o trabalho apoiaram-se em autores primários como Piaget, Paulo Freire, em suas respectivas áreas de conhecimento, além de em outros não menos importantes para a comunidade acadêmica, Nilda Alves, Patrícia Corsino, Loris Malaguzzi, Lawrence Kohlberg interpretado por Ângela Biaggio e Yves de La Taille.

Este artigo é composto por um aprofundamento nas questões da Educação Infantil e na temática da autonomia da criança, além de trazer apontamentos voltados às práticas pedagógicas para essa fase de ensino. As observações das práticas docentes, somadas às entrevistas com as professoras de um "Centro de Educação Infantil" de Sorocaba foram interpretadas a partir da Análise de Conteúdo, proposta por Bardin (2007). Os dados levantados geraram um elenco de Unidades de Registro, as quais foram agrupadas em Unidades de Contexto, consolidadas em Categorias, conforme as orientações da autora. A interpretação das categorias possibilitou a compreensão de como a atuação docente pode favorecer o processo de desenvolvimento da autonomia e da heteronomia das crianças.

A importância da temática deste estudo se dá pela possibilidade de compreender as ações facilitadoras presentes nas práticas pedagógicas do cotidiano escolar que podem influenciar as atuações docentes.

2. A PESQUISA

Os questionamentos que geraram este estudo surgiram a partir da vivência da pesquisadora no cotidiano escolar da Educação Infantil. No decorrer da docência, as questões que permeiam a autonomia da criança nos

incomodaram, permitindo-nos enveredar para reflexões sobre a temática em questão, apontando um referencial teórico que deu luz ao caminho a ser percorrido na pesquisa. Nosso interesse era saber como as práticas docentes direcionadas à vivência das crianças na creche poderiam contribuir, ou não, para sua autonomia.

Essas inquietações ocorreram no local de trabalho, em um Centro de Educação Infantil de Sorocaba, no qual as crianças ficam em período integral, acompanhadas em cada sala de aula por um professor e auxiliares de educação, os quais são concursados e possuem Ensino Médio.

O número de adultos para a quantidade de crianças em sala de aula é definido pela resolução que instituiu as diretrizes precedidas por um parecer que trata de várias questões relativas à qualidade (Parecer CNE/CEB nº 22/98, de 17/12/98). Por exemplo, na relação adulto-criança, indica a seguinte proporção: 1 professor para 6 a 8 bebês de 0 a 2 anos; 1 professor para cada 15 crianças de 3 anos; 1 professor para cada 20 crianças de 4 a 6 anos (BRASIL, 2010, p.34).

O Centro de Educação Infantil funciona em período integral e as crianças permanecem ali por dez horas. As professoras trabalham no período da manhã, das 07h às 12h, com auxiliares de educação que são concursados e possuem no mínimo o Ensino Médio. E, no período da tarde, as crianças são acompanhadas somente pelas auxiliares, sendo que as atividades propostas são realizadas sob a supervisão de um orientador pedagógico.

Foi nesse ambiente que nossa pesquisa se pautou para interpretar a construção da autonomia da criança, observando aulas e realizando entrevistas com as professoras envolvidas nessa creche.

A abordagem metodológica escolhida para a realização deste trabalho foi a qualitativa que "utiliza a coleta de dados sem medição numérica para descobrir ou aprimorar perguntas de pesquisa no processo de interpretação" (SAMPLERI; CALLADO; LUCIO, 2013, p. 33). A definição pela abordagem qualitativa se deu pela temática que tem um enfoque interpretativo, pois os dados coletados não poderiam ser quantificados para atingirmos os objetivos traçados na pesquisa. Segundo Gil (2010), trabalhos que buscam compreender dados qualitativos, pautando-se numa visão teórica sobre o problema e partindo das informações adquiridas numa determinada realidade, caracterizam-se como tipo descritivo.

Como técnicas metodológicas, foram definidas

observações e entrevistas com as professoras do Centro de Educação Infantil, que atuam com crianças de 2 a 4 anos de idade, visando analisar como as atitudes dos docentes durante a prática das atividades propostas podem influenciar a autonomia da criança. Enfocamos o todo, sem perder a subjetividade expressa nas informações coletadas, respeitando a nossa visão de pesquisador. Segundo Thomas e Nelson (2012, p.322), "a característica mais significativa da pesquisa qualitativa é o conteúdo interpretativo em vez de preocupação excessiva sobre o procedimento".

Por meio da pesquisa descritiva (GAIO; CARVALHO; SIMÕES, 2008), fizemos a análise dos registros das observações das aulas e das respostas dadas às perguntas feitas em entrevistas com as respectivas professoras das turmas observadas nesse Centro de Educação Infantil. As informações levantadas transformaram-se em dados que foram interpretados à luz das teorias estudadas, os quais nos apontaram resultados sobre a prática docente voltada à questão da autonomia da criança de 2 a 4 anos.

Para o desenvolvimento deste estudo, foram definidas três etapas: na primeira foi feita uma investigação bibliográfica para fundamentação do trabalho; na segunda, dedicou-se à pesquisa *in loco*; na terceira etapa, a partir da análise das informações coletadas, deu-se a interpretação, resultando possíveis considerações.

2.1 Detalhamento dos caminhos percorridos

2.1.1 Primeira Etapa da Pesquisa

As teorias que fundamentaram a temática do trabalho pautaram-se em estudos sobre as questões que envolvem a atuação docente e em pesquisas que abordam especificidades da infância, principalmente no tocante ao desenvolvimento da sua autonomia. As bases de dados para consultas de periódicos foram: Scielo e todas aquelas inseridas no Portal Capes que apresentam estudos relacionados à Educação e à Educação Infantil.

Para levantar dissertações e teses, buscamos em SBU – Unicamp, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP, na área de Educação, relacionadas à Educação Infantil. Foram elencados também alguns livros escritos por autores que publicam acerca da Educação, no que diz respeito à Educação Infantil, autonomia e desenvolvimento da criança e ainda aqueles que estudam atuação docente.

Todo o embasamento teórico fundamenta nosso trabalho. Por meio desse referencial bibliográfico como

subsídios necessários para a interpretação dos dados, foi possível desenvolver a pesquisa.

Complementando esse estudo, foram levantados documentos do Centro de Educação Infantil de Sorocaba, com autorização da Secretaria de Educação do Município de Sorocaba, para melhor compreensão das diretrizes educacionais específicas para essa fase escolar.

2.1.2 Segunda Etapa da Pesquisa

Essa etapa caracterizou-se pela pesquisa de campo. Para a coleta das informações a serem analisadas foram usadas as seguintes técnicas:

- Observações das práticas docentes desenvolvidas em salas de aula para crianças de 2 a 4 anos de idade em um Centro de Educação Infantil de Sorocaba, durante um período necessário ao pesquisador para compreender como a prática docente pode influenciar na aquisição da autonomia da criança, usando o critério de saturação (MINAYO, 2012). De acordo com essa autora, o critério de saturação define o momento de esgotamento de dados. No caso da observação, é possível avançar até quando nada mais diferente pode ser constatado. Portanto, o número de aulas observadas variou em cada turma a ser analisada.

- Entrevistas realizadas *a posteriori* com os respectivos professores das turmas observadas, visando conhecer maiores detalhes sobre as atividades propostas, as quais pudessem influenciar na conquista de autonomia das crianças. As questões elaboradas para as entrevistas foram pautadas nas seguintes perguntas geradoras: 1ª) De acordo com sua prática docente, o que você, professora de Educação Infantil, entende por autonomia da criança no cotidiano escolar? 2ª) Como sua prática pode propiciar um comportamento autônomo?

As observações e as entrevistas foram realizadas em uma única creche municipal de Sorocaba. A razão dessa escolha aconteceu pelo fato de a pesquisadora trabalhar nessa instituição, o que facilitou o acesso e os "possíveis constrangimentos".

Para a concretização das observações e das entrevistas realizadas, utilizamos o Termo de Consentimento do Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade de Sorocaba.

2.1.3 Terceira Etapa da Pesquisa

No terceiro momento do estudo, foi realizada a análise das informações obtidas com a pesquisa de campo, transformando-as em dados interpretados.

Essa interpretação pautou-se no conceito de Análise do Conteúdo, conforme Bardin (2016). As observações das aulas com foco na prática docente, somadas às entrevistas com as respectivas professoras, possibilitaram uma pré-análise, denominada pela autora citada como uma leitura "flutuante" na qual "podem surgir intuições" (BARDIN, 2016, p. 68). Esse é um primeiro contato com as respostas a serem interpretadas, determinado pela regra da exaustividade para analisar o contexto contido nas mensagens.

A codificação realizada "corresponde a uma transformação" (BARDIN, 2016, p. 133) iniciada pelo levantamento das Unidades de Registro (UR) "unidade de significação a codificar e corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como uma unidade de base, visando à categorização" (BARDIN, 2016, p.134). Por meio de recortes de trechos de todos os dados obtidos, foram tiradas as Unidades de Registro (UR). Posteriormente, as Unidades de Registro foram agrupadas por seus contextos, reduzidas a Unidades de Contexto (UC). Essas então geraram categorias formadas por uma classificação de elementos constitutivos, compostos pelas unidades (BARDIN, 2016).

3. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Antes de interpretarmos os dados coletados da pesquisa, é preciso analisar as informações levantadas. De acordo com todas as pesquisas que adotam abordagem qualitativa, a fase de interpretação acontece em três grandes momentos: a descrição do contexto onde se deu a pesquisa, uma síntese de todas as observações realizadas em cada turma e das respostas dadas às perguntas feitas às professoras entrevistadas; a redução de tudo que foi descrito, elencando unidades que tenham significado para o pesquisador, denominadas de Unidades de Registro e, em seguida, agrupadas de acordo com seu contexto, reduzindo-as em Unidades de Contexto, sob a orientação do método de análise que pauta a pesquisa, no caso, Análise de Conteúdo de Bardin (2016); a interpretação por meio das categorias geradas pelas UC. Após a elaboração desses três momentos, é possível apresentar as considerações finais do trabalho.

3.1 A interpretação das categorias

Interpretar as categorias que foram geradas permite compreender aquilo a que nos propusemos pesquisar. Desenvolvemos uma pesquisa quando não se sabe o que se quer ver. E mais ainda, quando o que se quer ver não está claro de nenhuma forma. Para tanto, a forma mais objetiva de interpretar é criar categorias. No caso da

nossa pesquisa, elas não são criadas, mas, sim, geradas, isto é, emergem dos contextos analisados. De acordo com Bardin (2016, p.147), "categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento" de acordo com as características comuns dos dados.

4. OLHARES DA PESQUISADORA SOBRE AS CATEGORIAS ENCONTRADAS

Ao interpretar as categorias encontradas, percebemos que nesse Centro de Educação Infantil houve momentos tanto de incentivo à construção da autonomia quanto de reforço da heteronomia.

A heteronomia foi acentuada, quando algumas professoras não perceberam que poderiam aproveitar algumas situações para torná-las momentos de aprendizagem afetivo-sociais. Um olhar mais atento às atitudes docentes diante dos acontecimentos nas aulas nos permite analisar que o agir assim não caracterizava uma falta de atenção para com as crianças, mas se referem às situações adversas que lhes eram oferecidas no local de trabalho, tais como o número excessivo de crianças na turma, a falta de mais auxiliares sala, ou a não substituição de educadores auxiliares que saíram, a sobrecarga de tarefas. Observamos também que a falta de conhecimento da temática em suas atuações fez com que não soubessem como tornar uma atividade mais criativa e que resultasse na criação de atividades que proporcionam a construção da autonomia das crianças.

No dia a dia, ações como andar em filas, para o deslocamento das crianças, separar as meninas dos meninos em filas diferentes, facilitam a organização. Pelo número reduzido de funcionários, são estratégias encontradas para evitar a dispersão das crianças pelo pátio ou pelo parque. Uma sugestão seria andar uma criança ao lado da outra, escolhendo um amigo mais próximo, ou ainda combinando antes como seriam a saída e a volta à sala, talvez também permitisse organizá-las e, com certeza, as deixaria expressar as suas vontades e fazer suas escolhas.

Por sua vez, sempre houve situações em que as crianças foram orientadas como deveriam realizar as atividades rotineiras, as quais já demonstravam conseguir fazer sozinhas. Enquanto isso, uma professora incentivava ações independentes que podiam ajudá-las no processo de aquisição da autonomia. Comportamentos autônomos podem ser gerados por atividades como tomar conta dos próprios pertences, pendurar a mochila nos lugares corretos identificados com suas fotos ou até

com o próprio nome, sendo sempre alterados em alguns dias, usar os sanitários e fazer sua higiene sem auxílio, apenas com orientações, despir e vestir-se independentemente de ajuda, ações estimuladas dia a dia.

Um ponto mais difícil de ser encontrado nas observações in loco do cotidiano escolar foi a elaboração de propostas pedagógicas que visem a aquisição de autonomia. As práticas docentes limitavam-se àquelas mais tradicionais, sem novas criações a partir do conhecimento dos alunos. Respeitar o que a criança já sabe fazer, buscar atividades que possibilitem seu crescimento, são atitudes importantes para ultrapassar a visão da creche como um espaço unicamente assistencialista. Havia preocupação dos professores com a questão da aprendizagem das crianças, mas não foi possível observar situações que possibilitasse o "ser autônomo" em seu comportamento. A falta de qualidade e a quantidade de propostas, a equidade e a espera pelo desenvolvimento das atividades, causavam o desinteresse das crianças em realizá-las.

Os momentos de liberdade vividos pelas crianças como a escolha de suas brincadeiras, dos brinquedos e dos amigos com quem brincar, principalmente aqueles que aconteciam na área externa, foram os mais significativos, porque ali as crianças podiam expressar suas ideias e seus desejos. Muito embora nosso foco de análise fosse a prática docente como estimuladora de autonomia, foi possível perceber, por meio dos diálogos e das relações interpessoais sempre presentes nas ações infantis, ocasiões em que as crianças explicitam a sua criatividade e a tomada de decisões inusitadas. Infelizmente nem todas as professoras perceberam essas atitudes, a não ser quando aconteciam conflitos. Por muitas vezes, esses impasses eram tratados com delicadeza e diálogos, mas também aconteceram brigas, cuja solução foi, simplesmente, eliminar o problema.

Apesar de haver mais situações favoráveis à autonomia do que à heteronomia, o empenho dos professores não era suficiente para a construção da autonomia nas crianças, pois vários fatores determinantes atrapalhavam a rotina do cotidiano da Educação Infantil.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo fazer o recorte de uma dissertação e mostrar o resultado dos estudos de uma prática docente em um determinado Centro de Educação Infantil em Sorocaba que apontavam processos de desenvolvimento da autonomia. Isso, por meio de uma pesquisa de campo analisada *in loco* com observações de aulas e entrevistas com as professoras

envolvidas.

As considerações aqui apresentadas são resultado de reflexões das teorias que subsidiaram o estudo acerca de possíveis influências na construção da autonomia da criança nas atitudes docentes e nas práticas pedagógicas vividas no cotidiano escolar.

Refletir sobre as questões educacionais presentes no dia a dia do ambiente da escola possibilita ampliar a visão e a compreensão dos fatos que ali acontecem.

No decorrer dos estudos, buscamos entender como as atividades desenvolvidas em aulas podem ou não propiciar autonomia dos alunos por meio das atuações dos professores diante de diferentes situações-problema.

A pesquisa se deu com as observações das aulas e entrevistas com as professoras do Centro de Educação Infantil com crianças de dois a quatro anos.

No referencial teórico estudado, pudemos constatar que é possível haver a construção de autonomia desde essa faixa etária das crianças, vividas em práticas pedagógicas num ambiente educacional. As observações e as entrevistas nos mostraram que a atuação docente tem contribuição para a construção da autonomia.

Cada criança tem seu próprio modo de compreender o mundo e, nas suas curiosidades e interações com o objeto do conhecimento, ela consegue estabelecer relações com a realidade e com o meio em que se encontra. Ela aprende, construindo sua autonomia, sua identidade. Num Centro de Educação Infantil, é importante o professor estar atento às suas práticas educativas para que a criança possa percorrer esse caminho com tranquilidade.

A Educação Infantil é um universo totalmente diferente da família, é um lugar de relações com outras crianças da mesma idade, com mais velhas e com mais novas e tem como eixo norteador uma determinada rotina e isso, muitas vezes, deixa a criança condicionada a fazer suas tarefas sem refletir sobre as razões de suas atitudes. A ênfase de suas ações está na repetição do gesto.

As salas numerosas atrapalham o processo de desenvolvimento da autonomia, porque para conseguir realizar um trabalho eficiente e estar sempre atenta aos seus alunos, a professora toma atitudes que podem cercear essa aquisição, impedindo momentos de maior liberdade de ação.

E mesmo com mais situações de favorecimento da

autonomia, essa não era a estratégia das professoras, pois foram poucas as ocasiões favoráveis à reflexão nas atividades propostas.

É imprescindível que o professor se valha dos conflitos que surgem nas relações interpessoais para alavancar reflexões, tão necessárias na Educação Infantil para oportunizar o crescimento.

Os momentos referentes à construção da autonomia estão mais presentes no cotidiano escolar vividos na infância, porque nessa fase é importante que as crianças comecem a aprender a ser independentes e iniciar o processo de conscientização de seus atos. E, para que isso aconteça, as práticas docentes são de suma importância no cotidiano da Educação Infantil para promover a construção da autonomia.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. No cotidiano da escola se escreve uma história diferente do qual conhecemos até agora. In: COSTA, M. V. (Org.). **A escola tem futuro?** Rio de Janeiro: DP & A, 2003b.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução: Luís Antero e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, v. II, 1998.

CORSINO, Patrícia. **Infância, linguagem e letramento**: Educação Infantil na rede municipal de ensino do Rio de Janeiro. Tese (Doutorado)- Departamento de Educação, PUC – Rio, Rio de Janeiro, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários para uma prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GAIO, Roberta; CARVALHO, Rodrigo Baroni de; SIMÕES, Renata. Métodos e técnicas de pesquisa: a metodologia em questão. In: GAIO, R. (Org.). **Metodologia de pesquisa e produção de conhecimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 147-171.

GALLO, Sílvio. Acontecimento e resistência: educação menor no cotidiano da escola. In: Ana M. Faccioli de Camargo e Márcio Mariguela (Org.). **Cotidiano escolar**: emergência e invenção. Piracicaba: Jacintha Editores, 2007. p.21-39.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed., 3. reimpr. São Paulo: Atlas, 2010.

GONÇALVES, Juliana de Souza e Abreu. **Resistências e criações no cotidiano escolar**: relatos de experiências de professores de educação física. Dissertação (Mestrado em Educação) UNISO: Sorocaba, 2014. 111 f.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2012.

SAMPIERI, Roberto Hernandez; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Del Pilar Baptista. **Metodologia de pesquisa**. 3 ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2013.

VERCELLI, Lígia de Carvalho Abões. O professor e o desenvolvimento emocional da criança pequena. **Dialogia**, São Paulo, n. 17, jan./jun. 2013.

THOMAS Jerry. R., NELSON, Jack. K., & SILVERMAN, Stephen. J. **Métodos de pesquisa em atividade física**. Porto Alegre: Artmed, 2012.